



Agricultura orgânica e alternativa no entorno de Goiânia a partir da Feira da 74

Ricardo Luiz Sapia de Campos¹

[...] quem acredita ser possível um desenvolvimento infinito num planeta finito, ou é louco ou economista.”.
Kenneth Bouding

Resumo: O texto apresenta casos apontados como experiências de agricultura alternativa, e principalmente de agricultura orgânica no entorno da capital Goiânia. O trabalho de pesquisa foi realizado entre os anos de 2015 e 2018 e busca construir argumentos sobre o protagonismo e a potência do sujeito social a partir, principalmente da “escolha” e da “decisão”, encetando o protagonismo do sujeito-produtor-consumidor. O estudo foi realizado a partir do “campo” identificado como sendo a “Feira da 74”.

Palavras-chave: Decrescimento; Produção orgânica; Agricultura alternativa; Goiânia.

Organic and alternative agriculture in the surroundings of Goiânia from the 74th Fair

Abstract: The text presents cases highlighted as experiences of alternative agriculture, and mainly organic agriculture around the capital Goiânia. The research work was carried out between 2015 and 2018 and seeks to build arguments about the protagonism and power of the social subject, mainly from “choice” and “decision”, starting the protagonismo of the subject-producer-consumer. The study was carried out from the “field” identified as the “Feira da 74”.

Keywords: Degrowth; Organic production; Alternative agriculture; Goiânia.

¹Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR, Brasil. *Autor correspondente: ricardo@ufscar.br

Introdução

As experiências de agricultura alternativa como recorte de agricultura orgânica ou biológica estão inseridas no grupo de casos estudados a partir da chamada “Feira da 74”. Trata-se da maior, mais significativa e conhecida feira de produtos orgânicos de Goiânia, promovida pela ADAO – Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Orgânica de Goiânia. A proposta é apresentar experiências de produção orgânica em Goiânia a partir da ADAO, e, portanto, da Feira da 74, destacando casos tópicos e ilustrativos que são escolhidos aleatoriamente, mantendo a radicalidade de serem provenientes da agricultura orgânicas, portanto, com todas as certificações e reconhecimentos, assegurados, pela própria associação. A sugestão em discutir “agricultura alternativa” a partir das experiências de produção orgânicas é por que estas são a maioria dos casos, e no estudo de casos da Feira da 74 e da ADAO, a totalidade deles.

A comunicação de maneira geral trocada neste ambiente alternativo em que a dita feira se insere como espaço privilegiado, as trocas de experiências, vivência, participação em fóruns, etc., foi o principal foco de interesse desta pesquisa. Tais experiências, ditas alternativas, a vivência e comunicação que incentiva estas experiências, noutro caminho que dista, como se sabe, da orientação da produção convencional e do lobby do agronegócio tem levado a temas internacionais, como no caso, do chamado “elogio do suficiente” e do “decréscimento”. Este texto visa apresentar experiências com as quais temos trabalhado em pesquisa e que tem embasado a temática teórica internacional. A proposta é entender tais experiências produtivas em si mesmas como “tópicas” e não como ocupando espaços marginais ou os chamados “nichos de mercado”(SCHENEIDER; GAZOLLA, 2011).

Experiências produtivas que seriam em si destoantes da orientação e dos pressupostos econômicos da economia clássica, ou macro economia. Experiências que reconectam o sujeito com elementos vitais tolhidos pela sociedade industrial. Os temas da suficiência e decréscimento, valorizados pela tradição de pensamento franco-italiano (LATOUCHE, 2009) recuperam a temática do esgotamento do modelo de desmedido de crescimento como condição *sine qua non* da distribuição de bem estar. (CEPEDA, 2012). Os temas propostos buscam questionar o *ethos* do capitalismo contra a mortificação do sujeito social orientado pelo acúmulo e pela produção de riqueza. Contrapõe-se, portanto, a angústia e a tristeza do modelo de produção infinita de ausências. Contrariamente, tais experiências sugerem a valorização da saturação contra a acumulação destrutiva. O afeto valorizando aspectos vitais e imateriais no fluxo da sua própria autovalorização, permitindo seleção, opção e, sobretudo, “escolhas”. A suficiência sugere o stop do modelo infinito e insaciável orientado e estruturado pelo crescimento:

A palavra de ordem “decrecimento” tem como principal meta enfatizar o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com consequências desastrosas para o meio ambiente, e, portanto, para humanidade. [...] o decrecimento só pode ser considerado numa “sociedade de decrecimento”, ou seja, no âmbito de um sistema baseado em outra lógica. [...] conseguir abandonar uma fé ou uma religião, a da economia do progresso e do desenvolvimento, de rejeitar o culto irracional e quase idólatra do crescimento pelo crescimento. [...]. Sua meta é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. (LATOUCHE, 2009, p. 4-6).

Conforme os estudos já clássicos de *Rogescu-Roegen*, (1970) o tema da suficiência invoca a saturação do ponto de vista natural pela impossibilidade do planeta suportar os impactos da Revolução Industrial; e social, uma vez que o crescimento não tem significado maior acesso e distribuição de bem-estar.

“Laboratório Goiano”: experiências e fóruns alternativos

No transcorrer da pesquisa busquei identificar e mapear espaços de troca de experiências, vivências, etc. que se estruturassem em torno duma agricultura alternativa. Experiências estas que acabam revelando a prevalência de experiências ditas orgânicas.

Os casos apresentados neste texto são “disformes”, ou seja, não são exemplos puros que estruturam orientação normativa de alternidade produtiva. O que tem na verdade é potência de alternatividade que valoriza elementos e produtos que o a “lógica do mercado de massas” despreza. Do ponto de vista quer da produção, quer do consumo, o fator “conhecimento” desponta como sendo a matriz desta nova economia. Em “substituição” as bases que estruturam a economia clássica, ou neoclássica, no tocante a satisfação da necessidade, produção, trabalho e principalmente consumo de massa. A construção desta valorização na contramão da massificação e da orientação do monoconsumo recupera a figura do sujeito (produtor-consumidor) “reflexivo”. Conhecimento, significa também considerar como a produção acontece, quais as implicações sociais e ambientais; também sobre a questão da valorização e cultura culinária local e alternativa; sabor e do gosto, ou como valorizar o potencial do sabor dos alimentos para além da tríade que a indústria alimentar transformou e homogeneizou: açúcar, sal e gordura. Outra questão diz respeito a pauta da saúde pública em torno do uso excessivo e abusivo de agrotóxicos pela agricultura convencional.

O prédio que abriga o “Mercado da 74”, foi construído em 1953. Onde antes foi espaço de comercialização de produtos variados, desde 2006 foi

reestruturado como espaço de convivência congregando bares, lanchonetes e lojas de produtos e artesanato local. Este espaço de reunião e convivência acolhe, desde 2011, a edição semanal e permanente da conhecida “feira da 74” que é promovida pela ADAO – Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Orgânica de Goiânia. A feira de produtos orgânicos, mais que uma feira, tem se tornado espaço de encontro e troca de experiência e informações entre pessoas envolvidas com a temática da produção e consumo de produtos orgânicos (Figura 1).

Figura 1 - A “Feira da 74” num sábado de manhã.



Fonte: ADAO- Facebook*

A ADAO (TELES, 2004) foi fundada em 1999 e tem como escopo promover o bom desenvolvimento e prática da agricultura orgânica, familiar, ecológica, biodinâmica e natural. Também sustentável, regenerativa e biológica. Portanto está pautada pela legislação que ampara e assegura o bom desenvolvimento da prática de agricultura orgânica, regenerativa, a proteção ao meio ambiente e a produção de alimentos saudáveis e sem contaminação por agrotóxicos. Pautando assim pelas diretrizes do Ministério da Agricultura. Atua como associação de certificação participativa, ou seja, funciona como entidade dentro da qual os produtores associados se organizam e regulam facilitando as visitas nas propriedades inscritas.

A ADAO tem cerca de uma centena de associados, e, apresenta o endereço da Feira da 74 no centro antigo de Goiânia como sendo sua sede fiscal e social. O número de associados confunde-se, porém não estritamente, com os *stands*

de venda na feira. São produtores de: Goianira, Goianésia, Sylvania, Hidrolândia, Itaporanga, Brasabrantes, Itauçu, Itaberaí, Bela Vista de Goiás, Aparecida de Goiânia¹.

Existe uma outra edição da Feira da ADAO que acontece sempre nas quartas-feiras a tarde no mercado municipal do bairro Vila Nova, mas que não tem a frequência e os efeitos da edição de sábado no Mercado da 74. Nesta, de sábado pela manhã acontece um encontro convivial entre pessoas consumidores de produtos orgânicos e frequentadores da feira que se misturam com aqueles que frequentam as lojas e principalmente os restaurantes e bares do mercado. Apontar a edição de sábado da feira como espaço de fluxo de comunicação, significa para este trabalho apresentado aqui, considerar, que todas as demais iniciativas e experiências apresentadas se cruzaram ou se cruzam com o a troca de experiências e convívio da feira que acontece aos sábados pela manhã (GONÇALVES, 2017).

Os chamados dias de campo promovidos pela ADAO, com participação privada e pública tem se tornado frequente no mote da difusão das experiências produtivas em torno de práticas alternativas (Figura 2).

Um caso emblemático que entrecruza com a feira, é o da loja “Cerrado Alimentos Orgânicos”. Localizada até 2022 no centro de Goiânia e atualmente na zona sul da capital, num dos bairros mais populosos e de classe média. A loja congregava até 2021 um Restaurante com produtos 100 % orgânico, como se dizia. O espaço do restaurante, que hoje está fechado e da loja de produtos orgânicos é local privilegiado de encontro e troca de experiências em torno da agricultura alternativa. Dentro do espaço funciona também a edição de feira semanal de produção orgânica – “direto do produtor”. Outra atividade dinamizada a partir da militância do dono da loja, um austríaco residente em Goiânia a mais de vinte anos e animador de práticas de agricultura alternativa, é a reprodução e comercialização da chamada “terra preta de índio”².

Os grandes círculos de Terra Preta do Índio (TPI) ao longo dos rios da Amazonas não são pesquisados nos últimos anos e apontam a possibilidade de ligação de CO₂ ao longo prazo. [...] este solo antropogénico contém em média 250 t / ha (hectare) de carbono orgânico e 250 t / ha de carvão vegetal (biochar ou biocarvão). Isto é equivalente a três vezes

²Práticas orientadas a partir da recente “descoberta” que revelaram a existência de um tipo de solo (terra), já existente em período pré-colombiano com uma mancha de milhares de hectares em torno da bacia ou leito do rio Amazonas, por tribos indígenas e povos originários já extintos, que que praticavam agricultura antes da chegada dos colonizadores europeus. A “terra preta de índio” indica uma prática antiga de sociedades sem escrita na produção de um tipo de solo quase perfeito para a prática agrícola. Um solo “preparado” por populações antigas nas margens do rio Amazonas, e, com restos e detritos de alimentos (animais e vegetais) e cacos de utensílios domésticos feitos em barro e ossos. Esta, como outras práticas e ações em torna duma alternatividade agrícola tem sido dinamizada a partir de espaço como no caso do restaurante loja, e na figura do proprietário da loja.

mais, ou setenta vezes mais do que nos Latossolos circundantes. [...] Assim o carbono está sequestrado a longo prazo no solo, constituindo um armazenamento permanente de carbono. O carvão forma as condições ambientais para a formação do húmus (IKUX, 2018, p. 01 -03).

Figura 2 - “Dia de Campos Participativo Adão - GO”.

**DIA DE CAMPO PARTICIPATIVO
ADAO - GO**

**Associação para o Desenvolvimento da
Agricultura Orgânica em Goiás**

Local: Chácara Gaia
Bonfinópolis-GO

Data: 17/04/16 - Domingo

Horário: 9:00h às 13:00h

Vendas/Info: Camila Lôbo (62) 8449-8321
(camilabl@hotmial.com)
Mariano Parejo (62) 9686-0550
(parejo.mariano@gmail.com)

Inscrição:
R\$ 50,00
(Crianças até 8 anos não pagam)

Programação

9:00h Recepção - Ativar o corpo pelo movimento (Yoga)

09:30h Caminhada transversal pela propriedade, demonstração das tecnologias utilizadas, confecção de biochar e farinha de osso.

12:00h Almoço Ovo Lacto Vegetariano
13:00h Encerramento

Obs.: levar filtro solar, boné ou chapéu, e sua garrafinha de água.

A D A O - G O
associação para o desenvolvimento
da agricultura orgânica

Fonte: Adao Orgânicos, 2016.

A Universidade Federal de Goiás, principalmente a partir de alguns cursos de graduação e pós-graduação em agronomia, ciências ambientais, dentre outros tem sido espaço privilegiado de incentivo de práticas de agricultura orgânica. Também com atividades de extensão e suporte técnico com ênfase para engenharia de alimentos, agronomia, estudos socioambientais e ciências sociais, congrega iniciativas disparees via programas de graduação e pós graduação, extensão de pesquisa, etc. Outro destaque são os casos da EMATER e a Agência Goiana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária, na promoção e incentivo de práticas como assistência técnica

propriamente dita, e ações de extensão e qualificação sobre a produção de orgânicos.

Vale destacar as ações do Ministério Público Goiano, com o FGCA “Fórum goiano de combate aos agrotóxicos”. Espaço de debate e iniciativas propositivas acerca do combate aos impactos socioambientais causados pelo uso de agrotóxicos. O Fórum tem participação de vários segmentos como universidade, empresas prestadoras de serviços sociais, órgãos de saúde pública e privada, etc. visando alertar a sociedade e minimizar o uso de agrotóxicos. Visa proporcionar em âmbito estadual debates e ações acerca do uso de agrotóxicos e temas afins como transgênicos e agressão ambiental. Goiânia tem se referenciado como local do encontro anual denominado Agro Centro-Oeste familiar. A feira de exposições e negócios que teve sua primeira edição no ano 2000 têm cursos, *workshop*, e venda, troca e atividades voltadas para a pequena agricultura familiar e iniciativas de agricultura alternativa.

Também casos tópicos de pequeno empreendimento agrícolas alternativos organizados a partir da agricultura familiar e que foram identificados com a realização do trabalho de campo: 1) - “**Polvilho do Cará**”, experiência de comunidade agrícola em Bela Vista de Goiás que desde 1956 produz à base de mandioca, com destaque par a farinha, mas principalmente o polvilho. Desde 2005 montaram cooperativa - a Cooperabs – Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores de Polvilho e Derivados da Mandioca da Região do Cará, reúne os produtores do bairro rural do Cará. A iniciativa recuperou o bairro rural que dista poucos quilômetros do centro de Bela Vista de Goiás. Resultou em sistema cooperativado participativo e alternativo, que promoveu o retorno de famílias à produção agrícola. Têm das marcas de polvilho mais vendidas no estado de Goiás e uma das mais vendidas no Brasil; 2) - “**Casa da minhoca**” empresa que produz e comercializa insumos agroecológicos, com sede em Anápolis – GO. Trata-se de empresa familiar que busca produzir de maneira sustentável nutrição e alimentos naturais para plantas, principalmente através de produtos derivados da minhoca. Uma das atividades e iniciativas da empresa é chamar a atenção para o investimento na organicidade dos solos, e da importância de considerar a terra como elemento vivo (vital); 3) - “**Lavoura comunitária de Nova Veneza – Goiás**”[...]: Trata-se de um programa iniciado em 2005 pela Prefeitura de Nova Veneza, município de cerca de dez mil habitantes, distante trinta quilômetros de Goiânia. A lavoura comunitária de Nova Veneza, assim como o caso da comunidade do Cará em Bela Vista de Goiás, valorizou sistemas de trabalho cooperado, dantes chamado “mutirão”. Com a ajuda de parceiros como a EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Goiás, e a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, o município – Prefeitura de Nova Veneza-, junto com o Governo do Estado de Goiás implanta em 2011 o sistema de lavoura

comunitária. A experiência piloto foi com a cultura de arroz, valorizando o trato orgânico, sem necessidade de uso de defensivos e controle fitossanitário; e, recuperando sistemas de secagem e armazenamento tradicionais, valoriza o trabalho comunitário e saberes locais, além de promoverem encontros e festas comunitárias 4) - **“O queijo cabacinha do alto Araguaia”**: (Santa Rita do Araguaia, Portelândia e Mineiros, Alto Araguaia, Araguinha e Ponte Branca.). Trata-se “tradição” local de fabricação de um tipo de queijo curado que é amarrado e tem a forma de uma cabaça (porunga), parecido, e sugerindo influência do chamado queijo *caccio-cavalo* do sul da Itália. Trata-se neste caso de alternativa “distrital” para pequenos produtores da região que buscam desde faz anos o selo de indicação geográfica, com base nos casos do queijo canastra de Minas Gerais. Estes queijos são fabricados por uma centena de pequenos produtores de forma independente em que todos seguem (“livremente”) um padrão de qualidade e sabor. Lembrando que não há cooperativa ou poder público que regulamenta a produção. 5) - **“APL – Arranjos Produtivos Locais do Médio Araguaia”**: (Amorinópolis, Aragarças, Arenópolis, Aurilândia, Baliza, Bom Jardim de Goiás, Caiapônia, Diorama, Doverlândia, Fazenda Nova, Iporá, Israelândia, Ivólândia, Jaupaci, Jussara, Moiporá, Montes Claros de Goiás, Novo Brasil, Palestina, Piranhas e Santa Fé de Goiás). Possui uma área total de 25.128,10 km², representando 7,39% do território goiano focado na produção leiteira. 6) - **“cooperbelgo”** – Cooperativa agropecuária Mista de Bela Vista de Goiás. Fundada em 1971 e tendo como objetivo a comercialização conjunta do leite produzido principalmente no município de Bela Vista de Goiás. Tem mais de dois mil associados (2.052 em 2017) e recebe em média 50.000 litros de leite por dia.

Soma-se outras iniciativas, algumas, se deve lembrar, ligadas ao MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e ao MCP- Movimento Camponês Popular, este presente em Goiás desde 2008. Estes movimentos estão presente principalmente na antiga capita “Goiás Velha”, ou Vilas Boas de Goiás”.

Resultados

Acerca da produção de subjetividades

Goiânia tem experiências singulares, porém, sem nenhuma particularidade caso não estivesse conectada com experiências globais. Estas experiências que acontecem mundo afora estão ligadas por ações (práticas) de alternatividade, que podem ser definidas a partir do entendimento que tem o Movimento *Slow food*³, acerca da liberdade do sujeito social materializado na figura do produtor-consumidor. A decisão e a escolha são potencializadoras da diversidade que caracterizam o sujeito, sugerindo, os parâmetros de uma “nova economia”.

O termo “ato agrário” é atribuído ao poeta agricultor norte americano Wendel Berry que apontava justamente que comer é um ato produtivo agrícola. Produzir

alimentos é muito mais que uma ação meramente objetiva encerrada em si mesma. É ademais ação carregada de significados que deve ser valorizada também na sua dimensão subjetiva como expressão deste novo momento de subjetivação que acontece com a crise da sociedade industrial.

As ações em torno da prática duma “agricultura alternativa”, caminha na contramão da rigidez da produção e do consumo de massa. Ações ligadas a alternatividade produtiva, das quais destaco a título de exemplo as experiências de pesquisa que “explodem” mundo afora. São exemplos: agricultura biodinâmica, agro ecologia, ecogastronomia⁴, produção orgânica, fair trade, agofloresta, agricultura natural e regenerativa, agricultura biodinâmica, sistema produtivo sistema mandala⁵, permacultura⁶, agricultura sintropica, e, mais recentemente a agricultura regenerativa, dentre outras. Todas, dentro do leque de sustentabilidade ou de agricultura sustentável, conforme aponta Schultz (2011). O termo, agricultura alternativa, é, portanto, ação agrícola permeada e carregada de significados e saberes humanos produzidos e disseminados de maneira aberta por quem produz. A experiência produtiva é um laboratório vivo que se contrapõe ao modelo de agricultura industrial orientada de maneira standard como execução de tarefas não por quem produz, mas por quem detém os meios, ou o poder sob a produção. Agricultura alternativa é ação coletiva aberta, permitindo e requerendo, experimentação, se contrapondo a agricultura de comodites. É, assim, ação de agricultura agroecológica sustentável como nos termos propostos por Altieri (2004) não se encerrando em modelo pré-definido.

As experiências estudadas permitem pensar num novo pacto de economia política, restabelecendo uma nova relação entre trabalho e regulação. O consumo orientado por fatores qualitativos que permitem e requerem a escolha e a decisão, ao invés da necessidade, engendra um sujeito-reflexivo. O termo ato agrário proposto pelo Movimento *Slow Food*, é o que melhor define:

O consumidor orienta o mercado e a produção com suas escolhas e, aumentando sua consciência sobre estes processos, ele ou ela assumem um novo papel. O consumo se torna parte do ato produtivo e o consumidor

³Movimento e organização não governamentais que tem como objetivo promover uma alimentação boa, limpa e justa, valorizando a produção local e o meio ambiente. Assume o compromisso duma alimentação saudável conectando o planeta ao ato comensal e produtivo.

⁴Movimento que prega o uso de alimentos saudáveis, produzidos de maneira sustentável e sem uso de agrotóxicos ou mesmo conservantes químicos. Valoriza sabores e saberes locais via preservação e conscientização ambiental, biodiversidade e responsabilidade social. Neste sentido conecta a alimentação com a saúde pessoal e do planeta de maneira holística. Além do mais a comida é tomada como fonte de prazer comprometido com a responsabilidade socio ambiental.

⁵Trata-se de sistema de produção sustentável com pouca necessidade de energia. Faz produção em círculos concêntricos tendo na base o reservatório de água donde são criados peixes. A partir deste centro se distribui a água e irriga as diversas e combinadas culturas produzidas em círculo por vários motivos além da irrigação também a construção de barreiras naturais que impede o dificulta a permeabilidade de pragas favorecendo o controle biológico.

se torna então um co-produtor. O produtor exerce um papel importante no processo de trabalhando para alcançar a qualidade, tornando sua experiência disponível e acolhendo os conhecimentos e saber-fazer dos outros (SLOW FOOD BRASIL, 2018).

A escolha que está no campo da decisão é constituinte do sujeito. No exemplo do movimento *Slow Food*, trata-se da escolha por alimentos dotados de “significados” – fatores – qualitativos - (serem bom, limpo e justo) como condição de consumo. (PETRINI, 2013). A própria dimensão subjetiva do que é ser bom, limpo e justo, permite recolocar dimensões esquecidas, negligenciadas e relegadas em favor de interesses corporativos como no caso a indústria de alimentos, e do protagonismo desta na história do desenvolvimento do capitalismo. Outros como o sabor dos alimentos, ou ligados a pauta da segurança alimentar, ao trato com o solo, preservação ambiental, etc. Ainda, a negativa em consumir alimentos originários de produto de exploração sobre o trabalho, etc. Trata-se, portanto, de iniciativas que vão para “*al di là*”⁴⁶ da mera satisfação das necessidades calóricas ou das chamadas calorias vazias. Ou mais do que solucionar o problema da fome, como tem sido a flamula da bandeira da agricultura de *comodites*. É neste ponto que se pode falar de uma “nova economia” pautada na suficiência do crescimento em função do esgotamento holístico da velha economia política (LATOUCHE, 2009).

Conclusões

O sujeito social contemporâneo se constitui a partir da intersecção entre produção e consumo consciente, ressignificando a própria sociabilidade por meio de escolhas e decisões éticas. Esse protagonismo envolve a preservação ambiental, o consumo de alimentos saudáveis, a busca por remuneração justa, além de fatores estéticos e culturais relacionados ao patrimônio alimentar. Ao adotar práticas de agricultura alternativa e orgânica, o sujeito desafia os modelos econômicos tradicionais e amplia os limites da economia política, propondo novas relações de produção, circulação e distribuição de bens. A agricultura alternativa, em oposição à lógica industrial da Revolução Verde, promove uma relação viva com os recursos naturais (terra, água, ar e sol). Esta prática exige um saber-fazer dinâmico e relacional, onde o produtor é também um produtor de conhecimento, aplicando ciência, intuição e experimentação. Diferente da precisão mecânica do capitalismo industrial, a agricultura alternativa valoriza a imprecisão e a diversidade, respeitando os ritmos naturais e negando a mortificação dos recursos. Esse processo reforça a subjetividade

⁴⁶Sistema de produção agrícola criada por ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmégren na década de setenta. Trabalha com a força da natureza de forma holística sem contraria-la. Trabalha de forma sustentável com três princípios básicos: o cuidado com a terra, com as pessoas e a partilha de excedentes.

e a inventividade dos trabalhadores agrícolas, que estão constantemente envolvidos na produção e na transformação do conhecimento.

A redefinição do consumo como uma prática ética também se reflete em escolhas financeiras, como exemplificado pelo Banco GLS Gemeinschaftsbank⁵ na Alemanha. Ao decidir conscientemente para onde seus recursos são direcionados, os indivíduos promovem uma economia alinhada com causas sociais, evitando que seus investimentos apoiem práticas contrárias aos seus valores. Esse protagonismo na esfera econômica demonstra que o conhecimento e a responsabilidade são forças produtivas essenciais que moldam novas formas de vida.

Dessa maneira, o sujeito social contemporâneo é caracterizado pela sua capacidade de escolher e decidir de forma crítica, contestando a lógica do capitalismo voltado para a acumulação de capitais e a padronização das relações de produção e consumo. Ele é moldado pela experiência relacional e pela resistência à privação imposta pelo sistema econômico dominante. Esse sujeito não está acabado, mas está em constante transformação, buscando alternativas que resgatam a vitalidade dos elementos naturais e promovem uma sociabilidade mais justa e sustentável.

Referências

ADAO Orgânicos. [2016]. Facebook. Disponível em: https://web.facebook.com/adao.orgânico/?_rdc=1&_rdr. Acesso em: 01 de maio de 2024.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre, Editora UFRGS: 2004.

CEPEDA, V, L. **Inclusão Democrática e Novo Desenvolvimentismo: um balanço histórico**, Revista Estudos Avançados: São Paulo, Mai/ag., 2012.

GEORGESCU-ROEGEN, N. **The Economics of Production**, London: AER, 1970.

GONÇALVES, T. M. **A produção orgânica no entorno da cidade de Goiânia - GO: históricos, atualidades e desafios sociais**, Trabalho Final de Curso defendido na graduação – bacharelado da FCS-UFG, 2017.

⁵O banco foi criado tendo como princípio o entendimento segundo o qual o capital construído a partir do trabalho vai para um banco, e que depois é transferido para a economia na forma de crédito que depois é movimentado e devolvido para o acionista em juros. Um dos princípios do capitalismo financeiro é a impessoalidade, ou seja, o dinheiro que o sujeito emprestou para o banco pode servir para financiar tanto causas nobre e humanitárias quanto outras que o sujeito desaprovava. No caos do Gemeinschaftsbank o acionista tanto conhece quanto decide sobre os investimentos do seu dinheiro que vai causas ecológicas projetos culturais, escolas livres, com velhos e idosos, pedagogia curativa, economicamente sustentáveis, e de utilidade pública dentre outros. Há fundos para agricultura biodinâmica, para pesquisas de sementes, para o desenvolvimento de novas fontes renováveis de energia, para formação, para programas de desenvolvimento de países subdesenvolvidos, etc. (OLIVEIRA; KUX; KLIPSTEIN, 2003).

GORZ, A. **Éloge du Suffisant**. Paris. PUF: 2019.

GORZ, A. **O Imaterial**: conhecimento, valor e capital, São Paulo: Annablume. 2005.

HARDT, M; NEGRI, A. **Multidão**: Guerra e democracia na era do império, Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/> , Acesso 22 de fevereiro de 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 de fev. de 2023.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Os números da reforma agrária**. Disponível: <https://incragoias.wordpress.com/distribuicao-dos-assentamentos-no-estado-de-goias/reforma-agraria-em-goias/> , Acesso: 22 de fevereiro de 2023.

KUX, G. **Projeto de sequestro de carbono através da geração de terra preta de índio (TPI)**. Projeto de pesquisa. 2009.

LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do Decrescimento Sereno**, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

OLIVEIRA, L.; KUX, G; KLIPSTEIN, L. Fraternidade na Vida Econômica, Igualdade na vida jurídica, liberdade na vida espiritual. Contribuição para a discussão do tema "Economia Solidária" **Anais...** III Fórum Social Mundial. Porto Alegre: 2003.

PETRINI, C. **Cibo e Libertà**: storie di gastronomia per la liberazione. Firenze: Giunti, 2013.

SCHENEIDER. S; GAZOLLA. M. (org.) **Os Atores do Desenvolvimento Rural**: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SCHULTZ, Z. Relações com o mercado e (re) construção das identidades socioprofissionais na agricultura orgânica. *In*: SCHENEIDER. S GAZOLLA. M. (org.) **Os Atores do Desenvolvimento Rural**: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SLOW FOOD BRASIL, Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/perguntas-frequentes>, Acesso: 22 de março de 2018.

TELES, V. L. L. C. **ADAO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A AGRICULTURA ORGÂNICA EM GOIÁS**. 2007. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.